

O que o ministro vai encontrar na volta ao País

Muitas greves, os juros em no-va alta, o dólar estável no paralelo, as Bolsas em recuperação tímida, mas, acima de tudo, muita insatisfação na sociedade com a alta desenfreada dos preços e com o anda-mento da política salarial. É assim que o ministro Dílson Funaro, da Fazenda, vai encontrar a economia do País, no seu retorno do Exterior. A inflação de fevereiro, que ao via-jar Funaro previu que seria de al-go entre 11% e 12%, vai ficar entre 15% e 16%, segundo as últimas esti-mativas feitas no Palácio do Pla-nalto.

Na ausência do ministro, o go-vern proseguiu, de forma acele-rada, o caminho de volta à econo-mia da Velha República, divulgan-do novos aumentos de preços e de tarifas e promovendo a reindexa-ção de maneira quase completa.

Aquela demanda superaqueci-da que levou milhares de pessoas às lojas, aos cinemas, teatros, ba-res e restaurantes, não existe mais.

O desgoverno neste período pós-carnavalesco é total. Da Seap, CIP e Sunab ninguém mais ouve falar. A população está intrigada, intransquila e até mesmo revoltada com os aumentos de preços. Nin-guém entende nada: o governo fala que autorizou aumentos de 25%, 30%, mas quando o consumidor vai adquirir a mercadoria no comércio percebe que ela está 150%, 200% e até 400% mais cara. Alguns produ-tos como madeiras e materiais de construção subiram 600% e até 800%.

Inconformados com o aumento de 70,6% concedido nos aluguéis (e que é insuportável para grande

parte dos inquilinos), os proprietá-rios abarrotam o judiciário com ações de despejo.

Os aumentos salariais não vão além dos 20% do disparo do gatilho. Os orçamentos domésticos se com-plicam cada vez mais. É um corte de despesas sem fim, e os salários minguam assustadoramente.

Os juros, depois de uma baixa significativa, começam a subir de-novo e as taxas do *overnight* saltam de 16% para 19%. Depois da mora-tória internacional, agora parece ser a vez da moratória interna, a moratória pessoal de cada dona-de-casa, de cada trabalhador e de cada pequeno empresário, hoje nas mãos dos banqueiros e com suas dívidas corrigidas em 70,6% do dia para a noite, pelo desconge-lamento das OTNs.

O governo assiste a tudo cala-do. Fala-se vagamente num plano de estabilização econômica pro-posta pelo ministro João Sayad, do Planejamento, e numa reforma mi-nisterial que criaria o Superminis-tério da Economia, como existia, de fato, na época do Delfim.

Mais preocupado com a dura-ção do seu mandato — se de quatro, de cinco ou de seis anos —, o presi-dente Sarney apenas repete velhas frases do passado. Apregoa os avanços sociais do seu governo e diz que “o Plano Cruzado não está morto”.

Mas talvez ainda haja tempo para alguém correr até o aeroporto e dar boas-vindas ao ministro Funaro. Afinal, quem sabe ele conse-guiu ter alguma boa idéia com esta mudança de clima?